

Em torno da chamada etimologia popular: focalizando as vicissitudes da fala

Rosa Attié Figueira¹

Resumo

Este trabalho busca revisitar a chamada “etimologia popular”, ao focalizar com destaque particularidades da fala na infância, aproximáveis ao que no uso linguístico adulto é chamado etimologia do povo. Abordar tal fenômeno, através das publicações de Béguelin (1993, 1995, 2002), abre uma perspectiva de análise deste feito a partir da reflexão saussuriana, trazendo à ilustração o que poderia ser denominado *vicissitudes* da fala – designação encontrada em artigo de De Lemos (2002), atribuída a achados da relação da criança com a língua e com o outro. Levar tal designação para os acontecimentos lexicais da fala da criança permite dar conta de ocorrências que, movidas por *relações associativas*, são distintas das inovações analógicas. A pesquisa explora material recolhido entre 2 e 5 anos de idade, na trajetória de crianças com o português-língua materna. Na mesma faixa de idade, incorpora achados do processo de aquisição do francês-língua materna, acrescentando extratos de Aimard (1975) e Bonnet e Tamine-Gardes (1984). Assim diversificada, a amostragem, ao abranger o fenômeno na fala dos adultos, ao lado de registros semelhantes na infância, será analisada a partir do que designamos como “fator homofônico”. Atuando no *continuum* sonoro, este promove uma remotivação semântica (Béguelin 2002) no corpo de uma palavra, *mise-en-rapport* via similitude fônica com outra palavra, que se lhe é associada. Uma *vicissitude* da fala, que permite descortinar uma face do funcionamento simbólico, que importa caracterizar na sua diversidade e complexidade, à luz das ideias deixadas por Saussure. Estender a pesquisa a trocadilhos, *mots d'esprit* e adivinhas – cenário empírico que se oferece a investigação dentro do mesmo quadro teórico – é meta futura do trabalho (Figueira 2022, 2023a).

Palavras-chave: Relações associativas. Vicissitudes da palavra. Fala de criança. Motivação e remotivação semântica. Fator homofônico

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16439>

¹ Professora titular do Departamento de Linguística (Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP), onde atualmente exerce a função de professora aposentada colaboradora. Mestre e doutora pela Universidade Estadual de Campinas, desenvolveu trabalho de pós-doutorado em 2002, na Université de de la Sorbonne Nouvelle. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem (GPAL). Ligada a ALFAL/Associação de Linguística e Filologia da América Latina, principalmente no contexto do Projeto 10-Estudos da Aquisição da Linguagem, em conjunto com Cecilia Rojas Nieto (Universidad Autónoma de Mexico), na organização das atividades trienais do Projeto. Pesquisadora do CNPq desde 1985. Membro do GT Estudos Saussurianos e do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. Membro de associações científicas internacionais, dentre elas: a ALFAL e o IPrA. <https://orcid.org/0000-0002-0388-7132> E-mail: rosattie@yahoo.com.br

Apresentando o tópico de investigação: primeiras considerações²

Este trabalho focaliza um interessante segmento do léxico, capaz de nos conduzir às vicissitudes do funcionamento simbólico nos anos da infância, tanto quanto na fala do adulto. No percurso da criança aprendendo a falar o português como língua materna, inovações sobre nomes e verbos compõem um cenário empírico repleto de ocorrências, para as quais a contribuição do pensamento saussuriano mostrou-se relevante no tratamento de aspectos concernentes à morfologia derivacional e flexional, pela via da analogia (Figueira 2010, 2015, 2018, 2022; Vieira 2015, 2022). O alcance da teorização que procede de Saussure não se esgota, entretanto, neste domínio.

Quando se trata de considerar fatos que afetam o corpo da palavra é preciso ir além e ter em conta outros acontecimentos do léxico que nos couberam descobrir no acompanhamento longitudinal de crianças brasileiras em sua trajetória com o português – achados que encontram uma via de explicação a ser devidamente dimensionada dentro do legado saussuriano. Voltamos agora a atenção sobre episódios capazes de serem aproximados ao que se chama etimologia popular (daqui em diante EP), através de um conjunto de dados que inclui além dos achados na fala de crianças aprendendo a falar português, alguns achados de crianças francesas. Este material pode render uma discussão sobre a dinâmica particular deste fenômeno, registrado entre 2 e 5 anos de idade, no bojo de uma investigação destinada a compreender uma face do funcionamento simbólico, na sua diversidade e complexidade, à luz das ideias deixadas por Saussure.

O *Curso de Linguística Geral*³, edição póstuma das lições de Saussure, por Charles Bally e Albert Sechehaye, reserva o capítulo VI, terceira parte do livro, à *etimologia popular*, em espaço de não mais do que três páginas, antecedidas pelos capítulos IV e V, mais longos, dedicados à apresentação e discussão da analogia.

Logo no primeiro parágrafo do capítulo VI, encontra-se a qualificação do objeto a ser estudado, através de um verbo que recai sobre o ato de fala do qual procede: “acontece ao falante *estropiar* palavras”⁴. Adiante, surge um adjetivo para descrever seu resultado: palavras *maltratadas*, e se avançamos mais na leitura, descobrimos outro adjetivo: (palavras) *deformadas*.

No quadro das lições que se depreendem do pensamento saussuriano, uma

² A opção pela teorização saussuriana encontrou, inicialmente em nossos estudos, farto material na investigação do papel da analogia em inovações que exibem o movimento da língua nos anos da infância. Prosseguindo, voltamos a atenção para ocorrências cuja semelhança com a chamada etimologia popular, foi exposta, sob o título “Vicissitudes da fala na infância e em qualquer idade: revisitando a etimologia popular à luz da teorização saussuriana”, no GT da XXVII ANPOLL (2023). Apoiada pelo CNPq, a pesquisa encontra-se em andamento, este trabalho sendo uma abordagem inicial ao tema.

³ CLG ou, como é alternativamente, conhecido: *Curso*, serão as duas maneiras de fazer referência ao livro editado por Bally e Sechehaye. Outra sigla: ELG é adotada para *Écrits de Linguistique Générale*.

⁴ O parágrafo inicial designa o “estropiar palavras” como *deformações*: “Acontece-nos por vezes estropiar palavras cuja forma e cujo sentido nos são pouco familiares, e às vezes, o uso consagra tais *deformações*” (CLG 1971, p. 202; grifo meu). Usaremos neste artigo a edição de 1971, ao citar passagens do CLG em português.

indagação se levanta: estaria Saussure sendo apresentado neste capítulo do Curso como um guardião das normas do “bon usage”? – posição mais normativa e prescritiva? Fomos buscar alguns elementos de resposta consultando Marie José Béguelin (1995, 2002), a partir da atenta e detida avaliação que a autora faz sobre os exemplos alinhavados no CLG. Considerando outras fontes documentais que ampliam a ilustração do fenômeno através do chamado corpo editorial saussuriano, a autora mostra que, para o contexto histórico de seu tempo, Saussure propõe, no primeiro curso, uma análise da etimologia popular isenta dos preconceitos normativos da época. Defende que o fenômeno é puramente resultado de um funcionamento que releva de um estado (sincrônico) de língua.

La vulgate, en modifiant certaines formulations, mais aussi (...) en sélectionnant les exemples donnés par Saussure dans le cadre du Cours I, *affadit et banalise sa doctrine*. En fait, elle tend à la conformer au discours ambiant sur l'étymologie populaire, discours dépréciatif, où l'énonciateur savant prend soin de « marquer la distance » entre lui-même et le locuteur de base, considéré comme fantasque, peu rationnel, culturellement inférieur (Béguelin 1995, p. 6, grifos meus) ⁵.

O ponto principal em que apoia sua argumentação provém do zelo criterioso em buscar nas fontes o pensamento de Saussure, destacando exemplos deixados de lado, ausentes do que considera uma vulgata, uma simplificação das lições do mestre.

Conforme se lê em Béguelin (id., ib.): « Si l'on prend pour base les notes d'étudiants, l'exposé de Saussure est nettement plus objectif que ce qui ressort de la vulgate ». Continua sua avaliação crítica, trazendo um exemplo não contemplado pelos editores do CLG, um nome próprio: *Trocadéro*. « Appelé dans une partie de la population parisienne “trois cadéros” (*je vais aux trois cadéros*) » (CLG/E 2658: IR 3.7.8). Tais particularidades seriam « peut-être à cause de son architecture particulière (deux tours mauresques et < une partie > centrale qui a aussi la forme d'un tour) » (CLG/E 2650: IR 3.7.8) ⁶ (Béguelin, p. 7-8). Prosseguindo com a autora, leia-se abaixo:

On peut regretter une telle censure, car voilà un cas fort intéressant où Saussure ouvre une perspective sur ce qui pourrait être une linguistique des faits de parole : il prend en compte l'activité langagière non conventionnelle des locuteurs, et fournit même, pour le cas de *trois cadéros*, une belle explication sémantique de type externe, faisant appel aux particularités du référent (Béguelin 1995, p.8)

⁵ “A vulgata, ao modificar certas formulações, mas também (...) selecionando os exemplos dados por Saussure no quadro do Curso 1, tira o brilho e banaliza sua doutrina. Na verdade, tende a conformar-se ao discurso da época sobre a etimologia popular, um discurso depreciativo, onde o enunciadador erudito tem o cuidado de “marcar a distância” entre ele e o locutor básico, considerado fantasioso, pouco racional, culturalmente inferior”.

⁶ Recomenda-se consultar a seção intitulada “Le tri des exemples”, p. 7 do artigo “Saussure et l'Étymologie Populaire”, para o que se lê neste artigo: “Se tomarmos como base as anotações dos estudantes, a apresentação de Saussure é claramente mais objetiva do que o que emerge da vulgata”. (trad. minha). Ademais, possibilitaria discordar daqueles que consideram que o sujeito falante e sua relação com o mundo ficou de fora do estudo de Saussure. O exemplo acima nos conduz a recusar que Saussure era insensível – cito Béguelin (1995, p. 9) – « aux facteurs externes conditionnant l'activité langagière ».

Se vamos agora a alguns exemplos da edição de Bally e Sechehaye, deles cabe extrair o ponto de vista que se lhes pode atribuir, tendo presente as ideias de uma abordagem sincrônica do fenómeno, saída da reflexão saussuriana.

Calfetrer/calfreter (port. *calafetar*), produzido *calfeutrer*, recebe modificação na forma, decorrente de uma associação ou aproximação com *feutre* (“feltro”) – um item já existente na língua. Qual seria a abordagem a fazer juz à natureza deste fenómeno, sem cair na caracterização de “erro”, comum na época, ou mesmo “palavra maltratada”? O que *calfeutrer* (ou outros exemplos, como *courte-pointe*, alteração de *coute-pointe*), carregam da natureza intrínseca da *semiosis*, que efetivamente se cumpre pela boca de um falante, em dado estado de língua, quando aflora no corpo da palavra um componente revestido de sentido, associado a outro que provém da língua?

A análise que se desenvolve nos parágrafos expostos entre as páginas 202-204 do CLG, pede uma interpretação do fenómeno “puramente *sincrónico*”, condizente com o corpo de teoria que devemos a Saussure, a partir do que o genebrino concebeu como sendo o funcionamento assentado no mecanismo linguístico⁷, aberto a associações (*mise-en-rapport*).

Acompanhando Béguelin, cumpre assinalar que o problema do uso peculiar na palavra dita “deformada”, não é outra coisa senão um movimento “*purement synchronique*” (tal como se lê nas notas de Riedlinger), e em tais casos não releva, é certo, de uma busca pela origem da palavra, no seu passado remoto. Conforme comenta – prossigo com a autora – casos desta natureza abrem uma perspectiva sobre o que poderia ser uma linguística de fatos de *fala*, atinente a achados que emanam de ocorrências submetidas a uma “leitura” ou interpretação, atribuída à palavra, nascida de certa *associação*. Interpretação que acolhe com facilidade outro dos exemplos que integram o capítulo VI do CLG: o item do alemão *durchbläuen* (“moer de pancadas”), em que *blau* é associado a “azul”, cor que se vincula ao efeito (equimoses) do ato de fustigar alguém. Notemos que é a partir de uma *interpretação* que se torna “porteur de sens” um segmento desta palavra. Desta maneira, contribui para legitimar a formulação extraída do capítulo sobre EP:

L'étymologie populaire *peut être aussi effective*, mas sans créer de mots nouveaux <et en> tombant dans les mots anciens déjà connus : elle ne constitue donc pas un apport <pour> la langue ⁸ (= CLG/E 2653) (o grifo é nosso)

Neste ponto, é oportuno trazer o que se lê no Dicionário das Ciências da Linguagem,

⁷ Na própria doutrina teórica com que se explica o fenómeno, o peso negativo de “maltratadas” desaparece. Enquanto forma variante, por certo teria que enfrentar o desafio de uma renomeação mais adequada, o que foi notado por muitos estudiosos. Quanto a seu destino na massa falante, umas alterações fixam-se no vocabulário, com espaço no dicionário, obra lexicográfica que lhes dá estatuto de forma aceita, portanto consagrada na comunidade dos que falam a mesma língua. Outras, são fugazes.

⁸ “A etimologia popular também pode ser eficaz, mas sem criar novas palavras <e recaindo> em palavras antigas já conhecidas: portanto, não constitui uma contribuição <para> a língua” (trad. minha).

na parte do livro que discorre sobre a dicotomia sincronia e diacronia. O espaço concedido por Ducrot e Todorov (1972, p. 175-176), a Ferdinand de Saussure e a Hermann Paul é devidamente avaliado pelos autores, quanto à autonomia da investigação sincrônica. Reconhecem (id. ib.) que “Saussure é, sem dúvida, o primeiro a ter reivindicado autonomia para a investigação sincrônica”, lembrando que a derivação é o processo morfológico (gramatical), a partir do qual se formam analogicamente novas palavras. Isso levou Saussure – como sabemos – a reconhecer o “réel en morphologie”. Com efeito, neologismos como *indécorable* encerram “formes où l’activité de la langue et sa manière de procéder trouve à se manifester comme un *document irrécusable*” (ELG, p. 184, grifo meu⁹).

Este não é, contudo, o único argumento convincente da independência da pesquisa sincrônica. Seleccionamos abaixo uma passagem, na qual Ducrot e Todorov se incumbem de expor o âmbito em que transcorrem relações sentidas “em sincronia” pelo falante de uma língua, relações que contrariam aquelas que historicamente procedem da pesquisa diacrônica.

[...] certas relações sincrônicas são diacronicamente injustificadas. Em sincronia, tem-se a relação “flor-floresta”. Ora, não há nenhuma relação histórica entre “floresta” e “flor”: a sua aproximação é uma *etimologia popular*, que foi criada pelos sujeitos falantes porque se integrava bem ao sistema do português. (Ducrot e Todorov, 1972, p. 176; grifo nosso)

Completam os autores, no mesmo parágrafo (id., ib.):

[...] muitas das relações historicamente fundamentadas não têm nenhuma realidade sincrônica – e isto porque já não podem ser integradas no sistema da língua atual (consequência: os falantes esqueceram-nas). Assim, hoje não há nenhuma relação entre “secretário” e “segredo” (embora “secretário” tenha sido construído a partir de “segredo”: o secretário era aquele que conhecia os segredos, o confidente.

Hermann Paul, no capítulo “Formação de Novos Grupos”, parágrafo 151 do livro *Princípios Fundamentais da História da Língua*, ilustra o que considera a espécie “mais simples” da chamada etimologia popular. Cito seu exemplo (Paul, 1920, p. 234, itálicos meus): “*Laube* (*caramanchão*) nada tem que ver com *Laub* (*folhagem*), a que é hoje aliado, porque a significação primitiva é “passagem coberta”. O autor vai adiante e, no intuito de distinguir tipos de EP, faz uma afirmação, na qual o leitor se depara com o termo *deformação*, o mesmo encontrado nas lições de Saussure:

Temos que distinguir dos fenómenos tratados a *espécie mais complicada* da etimologia popular. Esta consta duma deformação, pela qual uma palavra, que faz lembrar outra por uma semelhança fonética casual, se lhe assimila.

⁹ Outro exemplo, por mim explorado em sala de aula, recai sobre um dado do português falado, capaz de mostrar não apenas a produtividade do fenómeno, mas a pertinência da criação vocabular. “A poupança é *imexível*”, do então ministro Magri, ilustrava na sua irretocável criação *imexível* (aliás, mais convincente do que o próprio sinónimo *intocável*) a ação da analogia.

Atenta à expressão “palavras deformadas”, rótulo que tratamos de compreender (até substituir, em publicação anterior)¹¹, mostramos que tal qualificação pediria, no contexto do “fazer do linguista”, ser despojada de qualquer julgamento que não seja o do funcionamento da língua(gem) num estado de língua. A indagação justa, condizente com a reflexão de Saussure, seria, a meu ver, a seguinte: a qual movimento correspondem tais palavras alteradas?¹² Buscamos elementos para resposta em Béguelin, autora inserida na linguística atual, teoricamente alinhada à reflexão saussuriana, conforme já dito.

Sua análise põe em evidência a relação de associação que procede (ou emana, para usar um termo do CLG) do uso daquela palavra pelo falante adulto. A única realidade que este conhece é, com efeito, a do estado atual da língua ao qual está exposto, de tal modo que é na presença inarredável e incontornável do *jogo do funcionamento linguístico* que reside o que é posto em marcha na sua produção. Se é o que se passa na fala dos adultos, não será diferente o que acontece nos anos da infância, em que uma criança está em processo de vir a ser falante de sua língua materna.

Na atividade languageira ordinária o movimento “de acomodar a palavra (...) aos elementos que se acreditam reconhecer nela” (CLG, 1971, p. 202-203)¹³, oferece-nos um cenário que justifica uma investigação em torno do desempenho verbal de crianças em seu percurso com a língua materna. Voltada à estrutura da palavra, este estudo acolhe com grande interesse as palavras que saem da boca daquele que inaugura sua relação com a língua nos anos da infância: a criança. Explorar o sentido que ocasionalmente se cruza na estrutura da palavra que se lhe chega aos ouvidos é o lugar de investigação almejado, ao pôr em tela (seção 3), um conjunto de exemplos.

O universo empírico visa, desta maneira, usando agora um termo empregado por Saussure, sondar o *sentimento* do pequeno falante. Passo um grifo na palavra sentimento, componente do fenômeno em tela. É possível ver que uma relação de sentido se aloja num *quantum* de matéria fônica, uma vicissitude da palavra – fenômeno despertado naquele que não tem mais do que 3, 4, 5 anos de idade. Eis o fenômeno que, em si mesmo, nos interessa. Pela natureza do feito, uma explicação paralela se impõe acerca do efeito na cena de sua emergência. Aos circundantes, aqueles que participam do entorno familiar, geralmente adultos, o efeito de estranheza sobre a palavra ouvida também é levado em

¹⁰ Deve-se lembrar que não escapou a Paul (op. cit., p. 234) a relação da palavra dita “deformada” com certo gênero de discurso, o humorístico.

⁹ Em Figueira (2022a), propusemos substituir (palavra) *estropiada/distorcida* por palavra *re-formada*, em atenção ao fenômeno de sentido que se presentifica na forma.

¹² É precisamente o comportamento manifesto no corpo da palavra, designado por Paul “complicado” (ou por *estropiado/distorcido* no CLG) que será aqui valorizado, tendo em vista o que a fala da criança exhibe, feito mais bem nomeado como “palavra re-formada”.

¹³ No CLG comparece o verbo *déforme*: «(...) le plus souvent on déforme le mot pour accommoder aux éléments qu'on croit y reconnaître», traduzido por *distorcer*, na edição brasileira do Curso (1971): “(...) na maioria das vezes *distorcemos* a palavra para acomodar os elementos que acreditamos reconhecer nela”.

conta, pois traduzem o que estes percebem como sendo um traço ou característica da relação particular dos pequenos com a língua. Não raro o feito de língua sobre a estrutura da palavra leva a tematizar outro fenômeno nele implicado: o da delimitação de (sub)unidades no *continuum* sonoro, esta uma tarefa para o investigador deslindar.

Neste estudo ganha assim importância as *vicissitudes* da fala da criança. Atenta a alguns achados ocasionais surpreendidos na fala do adulto, estes serão, enquanto tais, aqui também incorporados – cenário geral, no qual enxerguei um lugar para situar, como meta, arejar a discussão da etimologia popular, partindo de uma abordagem que, valendo-se das ideias saussurianas, pode legitimamente se oferecer a quem observa e procura desvendar manifestações sobre a estrutura da palavra.

Em “O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure” (Figueira 2010), mostramos exemplos de *corpora* infantis, que refletem uma segmentação divergente do *continuum* da fala – tema relacionado com o tratamento de EP¹⁴ (ver adiante, seção 2). Nos anos seguintes, continuei colecionando exemplos ilustrativos de toda sorte de inovações vocabulares, e com isso deparei-me com a necessidade de tratar certas inovações a partir da pergunta, assim formulada (Figueira 2022, p. 30): “O que há numa palavra que a torna sede de relações que se refletem em seu arcabouço fônico?” Adotando a grafia *re-formadas*, com hífen, chamei a atenção, no corpo da palavra, para a raiz *forma*, uma vez que as evidências disponíveis em meu exemplário mostravam um movimento que, revestindo-se de um apelo ao sentido, se faziam aparente na forma. Alguns exemplos: *chutebol* (por *futebol*); *cabeceilo* (por *travesseiro*), *bebeçálio* (por *berçário*), recolocados para serem reavaliados, mais detalhadamente, na seção 3¹⁵.

Na base deste movimento está uma *mise en rapport*, relação básica desencadeada por um fator, cujo papel interessa nomear (veremos qual). Foi neste ponto que me acerquei dos escritos de Béguelin, consultando além do artigo: “Saussure et l’étymologie populaire” (1995), outro intitulado: “Étymologie «populaire», jeux de langage et construction du savoir lexical” (2002). Para quem penetra neste assunto, uma etapa necessária é a revisão bibliográfica, tão abrangente quanto possível, e neste terreno a contribuição desta autora assumirá, neste artigo, um lugar de destaque. Numa continuação da pesquisa, outros autores poderão ser estudados.

Isto posto, algumas palavras sobre o perfil metodológico da pesquisa. O material colecionado procede da observação longitudinal naturalística de crianças aprendendo o português, contemplando a faixa de idade que vai de 2 a 5 anos de idade. A base empírica acolhe igualmente episódios da aquisição do francês.

¹⁴ Neste artigo usei com reservas o termo erro. Teoricamente interessa-nos respeitar a variação afeita aos aspectos singulares da relação da criança com a língua em constituição, evitando o termo erro.

¹⁵ No passo a passo da análise, cogitei alterar a pergunta para atender a oposição opaco vs transparente, com um acréscimo: “O que há numa palavra que a torna sede *ocasional* de relações que se refletem em seu arcabouço fônico, *antes opaco*?” Ver nota 49.

Disponho de excertos que recolhi pessoalmente ou que me chegaram de colaboradores, registrados durante trocas verbais espontâneas do cotidiano de crianças brasileiras, anotações depositadas predominantemente em Diários (a que se somaram um ou outro excerto recolhido de gravação). Quanto ao francês, recorri aos achados expostos no livro *Les Jeux de Mots de l'Enfant*, rica fonte de excertos colecionados por Paule Aimard (1975), acrescidos de um ou dois achados, procedentes de Bonnet e Tamine-Gardes (1984). No conjunto figuram: episódios retomados de publicações anteriores, ao lado de outros inéditos, visando atualizar minha amostragem de palavras carentes de uma interpretação, para além de mera alteração fonética.

Feito este esclarecimento quanto às fontes, resta dizer que, entre nossos exemplos, alguns causam, na troca verbal com o adulto, surpresa ou mesmo, o riso. Subproduto do feito instaurado na palavra, o *riso* que acompanha tais ocorrências foi o que me aproximou de tais eventos da língua(gem) na infância. Mas não só: observei igualmente que ocorrências recaindo sobre o corpo da palavra, tocam o que chamamos *chiste*, *jeu de mots*, *mots d'esprit*, na linguagem entre adultos. Um espaço para futura exploração.

Quanto a unir, em vez de separar os dois segmentos empíricos, fala de criança e fala de adulto, a decisão de procurar uma base teórica comum, tal postura só favoreceu um ponto de vista: a língua(gem) na infância, ou aparentemente já constituída (no adulto), deixa-se marcar no interior da palavra. Lá onde se enredam relações associativas, por quem toma a palavra, falantes de qualquer idade. Esse quadro vai ao encontro de uma afirmação que procede de Saussure, de que “em matéria de linguagem o problema das origens não difere das condições permanentes” (CLG, 1971, p. 16). Caberá, como uma meta adicional, assinalar qual é, por sua vez, a *posição* ocupada pela criança. E por outro, a do adulto, ao fazer uma “intromissão” sobre a palavra¹⁶, imprimindo na materialidade fônica do seu *dictum*, um efeito chistoso.

Adianto agora a organização deste artigo. Após esta apresentação geral, a seção 2 destina-se a deslindar a complexidade do funcionamento simbólico de palavras cuja variação na *forma*, é atribuída a uma camada de sentido nela alojada, palavras “re-formadas”, em vez de *deformadas*. Visando uma caracterização do fenômeno, buscamos avaliar, em 2.1, sob quais aspectos tais inovações são distintas das que procedem da analogia. Já a seção 2.2 reserva espaço para mostrar como uma palavra nova é recebida pela criança. A seção 3 é destinada a nove episódios, cuja análise, ao expor as vicissitudes da palavra na fala da criança, contribui para atestar que elas são despertadas pelo *potencial homonímico do significante*, enquanto “porteur de sens”. Por fim, na seção 4, nas considerações finais, acenamos com desdobramentos futuros da pesquisa.

¹⁶ Ouve-se dizer: *pilantropia* (por *filantropia*), para desqualificar doação a uma causa por alguém, gesto com intenções escusas. Também é comum escutar de um pai ou mãe que seu filho ou filha *adolescente* é um *aborrecente* (o leitor poderá acrescentar outros exemplos de sua própria observação). Um segmento do léxico interessante para trabalho futuro.

1 Sobre a caracterização do fenômeno

Partimos da formulação abaixo para situar o que é nomeado como EP:

[...] le terme étymologie populaire qualifie le fait de rapprocher – consciemment ou non – deux unités lexicales entre lesquelles il n'existe pas de lien morphologique et sémantique historiquement avéré. (Béguelin, 2002, p. 1)¹⁷

A denominação “etimologia popular” não satisfaz os estudiosos e desde algum tempo tem recebido a crítica de gramáticos e filólogos, aventando-se a sua substituição por outra. Cogitou-se nomeá-la “atração homonímica” ou “atração paronomásica”¹⁸. No entanto, a expressão antiga continua sendo usada, revelando o peso da tradição que não abandona tal designação. O rótulo etimologia popular sobrevive, apesar de mal-recebido¹⁹.

Bem colocado para este acontecimento é o termo *vicissitude*, já que a novidade aflora a partir de uma condição *contingente*, nascida de um movimento *ocasional*, que faz pouso na palavra, na *forma* como é proferida.

Se vamos ao dicionário, encontramos para *vicissitude* o sentido (i) *veleidade*. Desta acepção me afasto para colocar-me ao lado de outra: (ii) “eventualidade, acaso” (Houaiss (2001, p. 2857). Dado o domínio empírico em estudo e a pertinência de atentar, na descrição, sobre o futuro de tal achado, acrescentaria que emerge na contingência de um ato de fala, cujo produto pode ingressar no léxico comum, ou então, ser passageiro. Passageiro para quem? Procuro visualizar o falante de qualquer idade, face a um *continuum* sonoro que se lhe apresenta, num *quantum* de matéria fônica *significante*, apto a figurar como sede de uma relação associativa, cujo resultado dá lugar a um sentido, que furtiva ou oportunamente, se instala no corpo complacente da palavra (Figueira 2020, 2022a).

Abrange domínio empírico amplo, onde a cadeia sonora pode se moldar (repto, complacentemente, via sopro breve de sentido), no corpo de uma palavra de uso corrente, dotando-a de um novo tecido significante.

A este cenário se aplica o que denomino “fator homofônico” (com abandono da nomeação “atração”, cuja procedência é da química²⁰). O produto resultante diz muito do movimento – semiconsciente ou inconsciente (explícito ou implícito) – que nos dá acesso a

¹⁷ [...] o termo etimologia popular qualifica o fato de reunir – conscientemente ou não – duas unidades lexicais entre as quais não há vínculo morfológico e semântico historicamente comprovado. (Béguelin 2002, p. 1; trad. nossa).

¹⁸ A revista *Confluência* (em 2001) publicou matéria de Gladstone Chaves de Melo (escrita em 1946), sobre etimologia popular, cujos exemplos abrangem não só palavras, mas frases. Escreve o autor (2001, p. 228): “Os linguistas dos nossos dias, com boa razão, têm rejeitado por inadequada a expressão “etimologia popular” [...]. Realmente, na maioria dos casos não seria lícito enxergar *etimologias* feitas pelo povo, mas apenas modificações operadas na fisionomia da palavra, por influência inconsciente ou subconsciente de vocábulo homônimo ou parônimo”.

¹⁹ Numa tentativa de renomeação, *etymologie synchronique* é a opção de Béguelin.

²⁰ Preferimos falar em *fator homonímico* em vez de atração homonímica (ou paronomásica), uma vez que atuam elementos da língua, despertados por semelhança fônica, desencadeadora do movimento.

contemplar seus *efeitos* no discurso. Quanto a estes, são incorporados como parte integrante e não marginal, na descrição de um *feito* de língua, condizente – como defendemos (aa) – com a proposta de caracterizar o acontecimento enquanto irrupção momentânea, resultado de jogo²¹, no qual uma relação com outra entidade linguística faz nascer uma relação semanticamente motivada.

Enquanto ato de fala, supõe a presença de um interlocutor e chama para o nosso registro empírico o diálogo, tomado como a unidade de análise – compromisso caro ao interacionismo de De Lemos (2002, entre muitas publicações)²².

Para começar, nada mais instrutivo do que apresentar um diálogo, em que a criança está em *posição* de rebater algo que lhe diz o adulto, contestando-o. Procede de um registro bem conhecido, de Delphine (= D), episódio representativo da semantização que ganha espaço dentro de um vocábulo da língua francesa.

- (i) (Delphine 3;4 a cueilli des fleurs)
X. Est-ce que tu sais comment s'appellent ces fleurs... Ça s'appelle des primevères.
D. Non, c'est des primes jaunes.
(Bonnet e Tamine-Gardes 1984, p. 51; retomado por Figueira 2020, p. 3)

A criança promove a sentido o que na pauta sonora era destituído de significação. Veja-se como isso implica na segmentação de um nome: a palavra *primevère*, que na fala do adulto não comporta divisões internas. D, 3,4 de idade, responde ao adulto exibindo uma atribuição de sentido sobre a parte “opaca” de *primevères* (cuja materialidade, “ociosa”, coube ser preenchida de sentido)²³. Assentemos a ideia de que no corpo da palavra há um *quantum* de matéria fônica que se oferece, como fatia “lida” (por D), como *vert* (port. *verde*). Sobre este segmento sonoro, está em jogo uma relação associativa evocando cor: *-vere*, que escutado como *vert*, torna-se disponível, em movimento “porteur de sens”, para ser trocado por *jaune*. A resposta da menina a seu interlocutor é um ato de fala replicante, que dá lugar a uma expressão recomposta : *primes jaunes*, fazendo juz à cor da flor da planta.

No caso de D, não se trata de uma manifestação estilística (esta poderia até aflorar na poesia ou prosa poética de um adulto), está a serviço de veicular um recorte providencial, ajustado ao que a criança tem diante de si: é amarela (fr. *jaune*) a flor da plantinha de que se fala no diálogo.

Optamos por trazer o exemplo (i), uma vez que mostra a posição do falante em uso da língua, podendo ademais ser levado à proposta que, no meu horizonte empírico (fala de criança, mas não exclusivamente), coloca por meta caracterizar duas faces do fenômeno:

²¹ Ver Testenoire (2018), para os vários empregos da palavra *jogo* no corpo editorial saussuriano.

²² Não significa que não apareça na escrita. Mas surge primeiramente na oralidade.

²³ Em outro texto (Figueira 2020) chamei de “ociosa” a parte da palavra submetida à semantização.

1) o fato de língua e 2) seu efeito no discurso. O segundo aspecto acrescenta algo que, ao pesquisador, não passa sem registro, anotação relevante que terá um papel na descrição global do fato em si, a saber: a novidade surpreende o adulto interlocutor enquanto feito inscrito na ordem da língua. (Na seção 3, através de outros excertos de conversas adulto-criança, veremos como inovações sobre a palavra refletem aspectos da relação da criança com a língua e com o outro)²⁴. Onde situá-las na descrição do mecanismo da língua?

Recordemos que na economia do Curso de Linguística Geral, o tema das etimologias populares vem depois da discussão da analogia e compreende predominantemente exemplos do francês e do alemão. Estes foram mantidos integralmente na tradução do livro para o português (CLG, 1970), por A. J. P. Chelini, Paes e I. Blikstein, com prefácio de I. Salloum, surgida em 1970. Dispomos hoje de uma segunda tradução do CLG (2021), esta por M. Bagno. Observando o que mudou nesta segunda tradução, notamos que um exemplo original (*surdité* produzido *sourdité*) foi substituído por exemplo do português: *sombrancelha* (por *sobrancelha*). A explicação que se aplicava ao exemplo do francês é levada então a *sombrancelha*, palavra “deformada pela lembrança” do substantivo *sombra*.

Se não é fácil desconhecer o viés normativo, presente no capítulo do CLG, comum no contexto histórico da época, dele podemos nos afastar, uma vez que conforme mostra Béguelin, através de anotações dos alunos (saídas das lições de Saussure), é possível dispor de uma visão mais objetiva do fenômeno, que “abre uma perspectiva sobre o que poderia ser uma perspectiva de fatos da fala”²⁵. Para o português, seguiríamos então com outros achados do fenômeno da EP. Por exemplo, em *barriguilha* (por *braguilha*), sua motivação reside, *à flor do nome*, transparente; isto é, na *forma* (vou deixando aqui, através desta expressão, minha própria maneira de me referir ao exemplo).

O fenômeno pede, da matriz teórica saussuriana, a menção ao fato de que na superfície do *continuum* sonoro, ali se acomodou (ou: se alojou), “barriga”, uma parte do sentido imputado àquilo do qual se fala. Algo trazido à lembrança, pela via de segmento sonoro convidativo, contribuindo assim para a renomeação, item semanticamente motivado, assentado no segmento refeito/redefinido: ***barriguilha***. [usamos negrito para realçá-lo]

Acrescentemos outro exemplo: *depredar*, proferido como: ***depedrar***. Qual a explicação? Alguém poderia supor uma associação com *pedra* – latente ou mesmo presente no sentimento linguístico do falante. Quem age depredando um imóvel destrói algo a partir de uma ação em que pedras podem entrar como instrumento da ação – hipótese a ser aventada.

²⁴ No diálogo (i), ao dotar de sentido a palavra *primevère*, bastante segura de seu dizer, D profere um ato de fala abertamente assertivo. Às vezes, porém, a modificação sobre a palavra passa despercebida da própria criança.

²⁵ Retomo partes de um trecho já citado (p. 4 deste artigo), a propósito de *trois cadéros* por *Trocadéro*.

Ao contemplar tais achados languageiros²⁶, em termos do funcionamento linguístico, fundado numa relação de associação, damos um espaço para a descrição destas ocorrências na fala, buscando ver o papel de uma sonoridade – diríamos *sugestiva* – procedente da lembrança de outra entidade linguística que ali se instala. O *fator homofônico* atua, em tais casos²⁷. Ocupa assim um lugar de investigação, certamente distinto da etimologia dita *científica* ou fr. *savante*, um ponto a ser assinalado. Aliás, é deste lugar de comparação que o termo etimologia se deixou seguir do adjetivo *popular*. Aquilo que, no corpo da palavra, o falante vislumbra como potencial de sentido, torna-se – para usar de novo a expressão encontrada em Saussure – *porteur de sens*. Essencial assinalar que este movimento não se dá “do nada”²⁸. Ampliando a ilustração, como o fez Béguelin ao se cercar de outras fontes, chega-se a algumas formulações que permitem uma aproximação mais adequada da natureza do fenômeno que encerra o movimento por ela descrito (2002, p. 2), como “percer l’opacité d’un signe en glosant l’inconnu par le connu”²⁹.

1.1 Etimologia popular e analogia

Manifestações do funcionamento simbólico, analogias e etimologias populares rendem inovações no léxico, restando definir sua natureza e seu raio de atuação. A EP tem algo em comum com analogia, embora sejam – como também se lê (CLG, 1971, p. 204) – fenômenos distintos. É notório em qual ponto são semelhantes. Num e noutro caso, utilizam-se elementos que assentam sobre associações e isso aproxima os fenômenos. A analogia tem, contudo, como ensina Saussure, um espaço próprio: é gramatical³⁰.

Aproveitemos o exemplo de mudança por extensão analógica, mencionado em Joseph (2023, p. 673): “na língua moderna (o francês), a primeira pessoa do verbo *trouver* era *je treuve*”. Esta foi regularizada como *je trouve/nous trouvons*, sob o modelo de verbos como *je pousse/nous poussons*. O alinhamento sobre o qual se dá a alteração atua no âmago do processo gramatical, ocasionando a mudança na forma verbal.

Formações novas por analogia são encontradas no vocabulário adulto, bem como no percurso da criança com a língua materna, em criações que se reconhecem prontamente. Sob o modelo *desfazer*, formou-se no léxico do adulto o verbo *desaposentar*

²⁶ Não nos deteremos aqui em rebater a ideia de patologia verbal. Logo adiante na seção 3, “uma voz discordante”, atenta a fenômenos languageiros da fala, poderá ser conhecida com a menção a Henri Frei.

²⁷ Atua também naqueles empregos que caem na caracterização de *mot-valise* ou *portemanteau*. Exemplos: *bebemorar* por *comemorar*, *aborrecente* por *adolescente*, entre outros exemplos.

²⁸ Note-se que poderíamos usar aqui a mesma expressão latina, *ex-nihilo*, empregada por Saussure, para a analogia: contudo há que distinguir EP de inovações analógicas.

²⁹ Trad. nossa: “Atravessar a opacidade de um signo glosando o desconhecido com o conhecido”.

³⁰ O exemplo: *oratore*: *orator* = *honorem*: *honor*, recorda-nos o cálculo proporcional com que Saussure descreve a ação da analogia. Como lembra Joseph (2023, p. 673) os elementos se alinham em estado de *semi-consciência*. Deparamo-nos aqui com a famosa “questão não resolvida”, como comenta o autor da biografia de Saussure (id. ib., p. 677).

(*Está em estudo uma lei que permita desaposentar*). No apelo choroso de uma menina diante de um brinquedo quebrado, em sua pergunta ao adulto, um novo verbo de ação reversível³¹: *Não dá para desquebrar?* (Figueira 2022b, p. 233). Clark, em inúmeras publicações, oferece ao leitor uma vasta lista de inovações, e com razão afirma que tais achados, dada sua produtividade, “fazem as delícias dos pesquisadores”, interessados na evidência de um mecanismo gramaticalmente atuante. Bagno (2021), em sua tradução do CLG, não ignora a forma *ponhar*, reservando a ela uma nota no capítulo sobre a analogia³².

Entre os derivados de nomes, sobram neologismos na fala de adulto, também na fala da criança. Por exemplo, o que acabo de ouvir de um comentarista esportivo: *Quem mais vai medalhar neste dia de Olimpíadas?* Na fala da criança temos, entre inúmeros denominais: *A Quiqui me linguou* [glosa: *A Quiqui me passou a língua*] (Figueira 2015, p. 182).

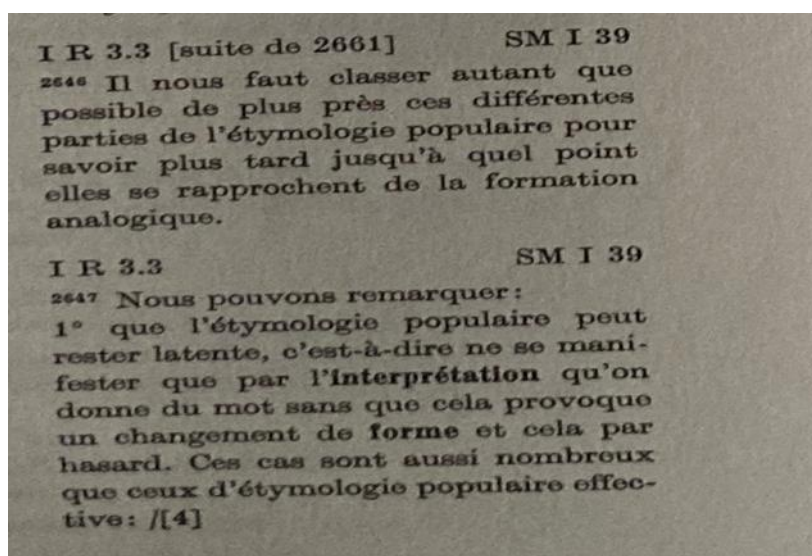
Atender o convite de Saussure (ELG, 2002, p. 160) para escutar uma criança de 3-4 anos conduz a um “verdadeiro tecido de formações analógicas”, disponíveis em formações que encerram prefixos e sufixos, testemunho irrecusável da atividade /produtividade da *língua*.

O que dizer agora de outras alterações que tocam na porção da palavra que encerra seu conteúdo lexical? Seja o mais citado dos exemplos, *sombracelha* (por *sobrancelha*), onde a alteração se aloja na raiz. Encontramos aqui o cenário preferido da EP e esta particularidade, arriscamos a dizer, concorre para uma diferença de base.

Aproveitemos a lição do Curso 1, que contou com anotações de Riedlinger, um dos discípulos mais atentos às palavras do mestre. É dele a anotação (ver abaixo, IR 3.3, 2661, tomo 1, *édition critique* R. Engler, *Cours de Linguistique Générale*, 1989, p. 396). Nela o mestre genebrino mostra-se empenhado em avaliar até que ponto a etimologia popular se aproxima da formação analógica.

³¹ Ampliamos os exemplos com dados da aquisição do inglês (Bowerman 1982, p. 326): Christy (4;7 de idade) diz para a mãe: *I hate you! And I'll never unhate you*; Christy (3;2 de idade): *Why did you unclothes her?* [por que você *desroupou* ela?].

³² Num depoimento sobre desabamento de um morro (notícia na televisão), registrei: “Minha avó *ponhou* desabrigados em sua casa. Eu também *ponhava* se pudesse.” *Ponhou* alinha-se a *colocou*; *ponhava* a *colocava* – variantes do português contemporâneo. Para o alcance da ação da analogia na aquisição do português, ver trabalhos de Figueira e Vieira (mencionados na seção deste artigo).



Considere-se o que se lê em 2647: nas palavras do mestre, a etimologia popular pode permanecer latente, manifesta numa *interprétation* (esta palavra recebe destaque gráfico, em itálico negrito). *Interprétation* é, pois, o ponto de partida para a atribuição de significado, que pode se dar sem manifestação superficial na forma. Mas, convenhamos: em muitos casos, conduzem a uma alteração na forma, e esta recai sobre um segmento da palavra que pertence à raiz. É desses casos que Béguelin se ocupa, e muitos estão em nosso exemplário, onde reunimos peças que se deixam marcar superficialmente na *forma* assumida pela palavra, convocando, como ponto sensível, sondar o vínculo de associação que determinou a alteração fônica.

Este feito diz da *posição* do sujeito no funcionamento da língua(gem) e nos anos da infância tem levado à noção de *captura* da criança pela ordem da língua (de Lemos 2002)³³. No episódio (i) de Delphine, a criança dá mostras de ter consciência da refutação que faz. Outras produções divergentes ocorrem, sem que o sujeito esteja em posição de falar sobre o que em sua fala foi alterado. Neste ponto é adequado trazer à consideração o *sentimento do falante*, que nos faz lembrar a afirmação de Milner de que “sentir” é diferente de “saber”. Haverá casos de uma alteração na palavra, sem que a criança (ou o adulto) se dê conta do processo. (Um deles encabeçará nossa lista em 3, expondo um aspecto *singular* do processo de se tornar falante).

Neste ponto, deixemos provisoriamente a criança para examinar uma troca verbal do cotidiano entre adultos. Trata-se de uma ocorrência por mim flagrada num balcão de

³³ O destaque às relações como base para mudanças na trajetória da criança com a língua foi colocado por De Lemos (1992), novamente tematizado em 1995. Seu artigo de 2002 vincula a emergência de “erros” no percurso da criança com a língua materna à chamada *segunda posição* – condição em que a criança pode se mostrar alheia à correção. No caso de Delphine, o que temos é uma contestação ao que ela escuta, e sua resposta ao adulto não diz menos da *ordem da língua* que a tem sob captura. Sua refutação: *non, c'est des primes jaunes* permitiu-lhe encaixar, naquilo que ouviu (*primevères*), uma camada de sentido que faz juz ao referente: a cor da flor da planta é amarela (fr. *jaune*). Um achado como esse nos ensina acolher a chamada ocorrência divergente como dado de eleição (Figueira 1995), enxergando o movimento da língua na fala da criança.

reclamações.

Uma funcionária da SANASA, com certo grau de escolaridade recebia minha queixa de vazamento de água em meu jardim. Enquanto eu expunha o problema ela me interrompeu várias vezes, para se certificar de alguns detalhes. Disse sem hesitação e bem fluentemente: (...) *e o lugar ficou imundado? A senhora observou onde começou a imundar? A imundação foi antes ou depois do cavalete?*

Não é preciso dizer que a motivação para as palavras alteradas nos conduz a Saussure e às relações associativas latentes (*in absentia*), capítulo sobre o mecanismo da língua. A atendente que diz *imundar*, certamente não quis levantar a origem da palavra, sua forma antiga. Está simplesmente falando e neste uso rotineiro lhe imprime um matiz que encontra abrigo num elemento da língua: *imundo*. Resultado do transbordamento de água desastroso, capaz de ser associado a *imundície*. Fiquei surpresa ao ouvir a moça, porém mais interessada no achado do que no objetivo que me levava àquela repartição.

Alinhavo de novo as ideias. Por força de uma homofonia convidativa (a forma, em sua *similitude sonora*, favorece falar assim como se falou: *imundar-imundação* – até mesmo não-conscientemente. Essa condição geral que se precipita sobre o ato de fala, cria uma significação comparável aos exemplos clássicos de “etimologia popular”³⁴.

É o momento para explorar a noção “remotivation sémantique”, cujo alcance em Béguelin chega a contextos especialmente tendentes a ressignificações (chistes e jogos verbais/*jeux de mots*) – universo ao qual já declarei minha entusiasmada adesão (Figueira 2020). A autora expõe claramente sua posição favorável de incluir a EP na competência lexical do falante: ela se exerce em *sincronia*, na maneira espontânea de “apreender as unidades e subunidades significativas” (...), “de motivá-las e remotivá-las semanticamente” (Béguelin, 1995, p. 2). Leia-se abaixo, em tradução para o português, o que se lê em artigo de 2002³⁵:

Para nosso propósito, segue-se que se o linguista pretende dar conta da competência lexical “natural” dos sujeitos, não pode prescindir das manifestações da etimologia popular. Ele deve admitir, ao contrário, que a prática etimológica espontânea pode ser instrutiva, revelando comportamentos de pareamento morfológico e semântico que comumente estão subjacentes na atividade linguageira. (Béguelin, 2002, p. 19; tradução e grifos nossos)

³⁴ Cabe refletir sobre o destino da EP. Na linha do tempo existiu uma primeira vez em que um falante interpretou (uso aqui um exemplo do Curso) como *courte* o primeiro segmento de *coutepointe*. A inovação acontece primeiro num ato individual de fala (enquanto associação no “espírito” de quem fala), mas tem a possibilidade de ser estendida ao uso pela comunidade. Passando ao léxico da língua, ganha presença na obra lexicográfica. É o que nos dá testemunho o dicionário (Petit Robert, p. 265): *courtepointe* = *couverture de lit piquée et ouaté* (tradução: *cobertura de leito/colcha de cama acolchoada*).

³⁵ « Pour notre propos, il s'ensuit que si le linguiste entend rendre compte de la compétence lexicale « naturelle » des sujets, il ne peut ignorer les manifestations de l'étymologie populaire. Il doit admettre, au contraire, que la pratique étymologique spontanée puisse être instructive, révélatrice des conduites d'appariement morphologique et sémantique qui sous-tendent couramment l'activité langagière ».

A filiação à reflexão saussuriana, já marcante no trecho acima, se fecha coerentemente, na formulação abaixo, que coloca em primeiro plano o sujeito falante:

Tal é, pelo menos, o postulado estabelecido por Saussure, e que teve por efeito inverter a ordem entre conhecimento erudito e conhecimento intuitivo da linguagem, ao priorizar o "*ponto de vista do sujeito falante*" sobre o do estudioso de línguas"³⁶ (id. ib.; tradução e grifos nossos).

Assumir este ponto de vista condiz com o que nos cabe exercitar na observação dos registros da criança em vias de se constituir como falante ou de episódios entre adultos a que casualmente assistimos. Este é um dos pontos de minha contribuição à discussão. Exige pôr em tela, do aparato conceitual saussuriano, nada menos que um dos pilares de sua sustentação teórica: o *mecanismo da língua*, lá onde vínculos som-sentido, precipitando-se sobre uma fatia do *continuum* da fala, presentificam um parentesco semântico entre dois signos, ao despertar uma unidade (ou subunidade) na pauta sonora.

Voltemos agora à criança, para mencionar um dado que não escapou ao olhar de Béguelin, embora tenha predominantemente se servido de exemplos de adulto. A autora foi buscá-lo em Bonnet (1986, p. 60), achado que exhibe *un découpage*/um recorte imprevisto da cadeia fônica: (ii) *maisonnette* = *maison où il y a une sonnette*.

Na glosa nota-se que a criança identificou, conforme Béguelin (2002, p. 46), “mais nitidamente os morfemas lexicais do que os morfemas gramaticais”. Percebe-se que a criança interpreta *maisonnette* não como um derivado diminutivo em *-ette* (aplicado sobre *maison*). Sua interpretação da palavra seguiu o rumo de “um *mot-valise* composto de duas palavras plenas” (id. ib.). Na expressão formal se fundem *maison* e *sonnette*, interpretadas como: uma casa (fr. *maison*) com campainha (fr. *sonnette*), e não: uma cas-inha (fr. *maison-ette*). É de uma escuta distinta da pauta sonora que emergem os limites das subunidades conferidas à palavra em (ii).

Reconheço a excepcionalidade deste dado e não perco a chance de incluí-lo frente à questão que presidiu minha abordagem de toda e qualquer evidência empírica que, recaindo sobre a estrutura complexa da palavra, leva à indagação: haverá uma homonímia em potencial no corpo da palavra? Evidente, no caso de (ii)?

A resposta pede que se admita, no interior da palavra, subunidades com deslocamento “porteur de sens” – recortes distintos³⁷, que decorrem de uma escuta imprimindo valores distintos sobre a cadeia sonora³⁸: no caso de *maisonnette*, o da criança

³⁶ « Tel est, du moins, le postulat instauré par Saussure, et qui a eu pour effet d’inverser la hiérarchie entre savoir savant et savoir intuitif sur la langue, en donnant la priorité au « point de vue du sujet parlant » sur celui de l’érudit ou du savant en langues ».

³⁷ Na tese de Camila Vieira (2022), a autora percorre o material de dois sujeitos, à luz das ideias saussurianas, mostrando que a fala da criança pode exibir “delimitações nas subunidades da palavra que são divergentes daquilo que está instituído na língua convencional” (Vieira 2022, p. 168). (i) e (ii) ilustrariam este fato.

³⁸ Nas publicações de Luiza Milano indaga-se sobre o lugar do fônico, assim como sobre o lugar da escuta nos estudos de Saussure. Frente ao que (ii) nos dá testemunho, é possível transpor uma formulação encontrada em Milano (2022), adequada para situar o feito da menina em (ii). Reponho o trecho da autora (Milano 2022, p. 72-73), com grifos meus: “(...) para que a *unidade* seja passível

e aquele que a massa/comunidade falante lhe atribui. Se vamos ao CLG, pode-se dizer que tal eventualidade está coberta por uma afirmação magistral do capítulo “As Entidades concretas da língua” (CLG, 1971, p. 123) – citação que poderá ser lida na página 28 do presente artigo. Nela, Saussure se interroga sobre feitos que hoje relacionamos com o potencial de equivocidade da língua(gem), tópico que guarda certa intimidade com questão das *vicissitudes* na recepção da palavra. Conservarei o termo *vicissitude* nos exemplos na seção 3, bem-vindo pela sua capacidade de abranger o inesperado que aflora no corpo de uma palavra, ocorrência às vezes insólita, às vezes divertida, aos ouvidos de quem escuta a criança – tornando necessário explorar seus efeitos no discurso, efeitos que vão da surpresa ao riso (Figueira 2001). Antes, um acontecimento envolvendo relações associativas (2.2) quando a criança está diante de uma palavra desconhecida.

1.2 Diante de uma palavra desconhecida: o alcance das relações associativas.

Lembremos que Saussure afirmava, em suas lições, que a EP não age “senão em condições particulares” (...) “que as pessoas assimilam imperfeitamente” (CLG 1971, p. 204)³⁹. Tinha em conta, é certo, o falante adulto, diante de palavras técnicas ou estrangeiras, mas aqui visualizaremos a criança, e para tanto colocamos o leitor diante de uma instigante cena doméstica, onde é possível acompanhar a reação da criança, J, 4;5.25 de idade, frente a um vocábulo nunca antes ouvido.

Atenta à chegada do carteiro, J observa que este entrega uma carta a sua mãe; a menina se interessa por “ler” o que está escrito no verso do envelope. *É o nome do destinatário*, diz a mãe. Diante desta palavra que, certamente, ouvia pela primeira vez, a menina não perguntou o que é destinatário; o que ela fez, de pronto, foi disparar a pergunta: (iii) *Deu disse no Natal?*

Assim anotada em seu diário, a intervenção de J me pareceu inicialmente ininterpretável, depois ocorreu-me que seria uma forma de enfrentar uma palavra desconhecida (Figueira 1995, p. 68), com elementos de sua (da criança) pessoal relação com a língua, também com o que ela sabe sobre o mundo. O enunciado deixou de ser enigmático quando uma “pista” me guiou na interpretação. Próximo à entrada no mês das festas natalinas, em que se encomendam presentes, a ideia de algo dado a alguém: *deu*, apontou como indício de um vínculo associativo que, naquele contexto, corresponderia ao

de ser considerada um signo linguístico, ela tem que *carregar* uma materialidade – sempre necessária – para, à luz da lógica do valor, produzir contraste e diferença, mas há também de sustentar a igualmente fundamental condição semiológica, que será sua capacidade (do signo? / da língua? / da linguagem?) de significar”. O termo “carregar”, usado pela autora, é bem apropriado para o movimento de uma escuta que redefine recorte distinto da materialidade fônica, portador (*carregado* de significação), como em (ii).
³⁹ Conforme exposta no CLG (Saussure, 1971, p. 204): “A etimologia popular não age (...) senão em condições particulares, e só atinge as palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que as pessoas assimilam imperfeitamente”. Considerando o caso de *imundar-imundação*, caberia uma observação: limitar o universo de palavras alteradas apenas ao segmento da formado por palavras raras ou técnicas é ignorar uma série de palavras que, na língua de todo-dia, se mostram afetadas pelo falante.

que ouvi no restante da fala de J: *disse no Natal*.

Somando *deu* a *disse no Natal*, faz supor a ideia de que, para a menina, *destinatário* passava a ideia de uma resposta (por carta) a um pedido que fora dado (a alguém: *deu*); como consequência, respondido (*disse*), numa carta – suporte físico de uma resposta. Alguma semelhança fônica guardava (em potencial) a palavra que ela ouvira: **destinatário**, com as partes em que fora decomposta, na pergunta à mãe. Duas delas até sonoramente aproximáveis: **deu**; e **-natário**, esta última próxima de **Natal**, condizente, aliás, com o que se espera, como presente, na época natalina.

O episódio impressionou-me pela decomposição que retalhou a palavra *destinatário* em fragmentos e pela (re)composição, que a redesenhou em três fatias morfológicamente encadeadas numa estrutura sintagmática complexa, com verbo e complemento: *deu disse no Natal?*

Esta peça – devo dizer – comparece nesta parte do artigo, à guisa de sensibilizar o leitor para o quadro ou circuito de associações possíveis, justificando-se sondar aquelas que “*flottent dans la série indéfinie des rapports possibles*”⁴⁰.

2 A criança: análise e discussão de episódios entre 2 e 5 anos de idade

Abordamos nesta seção a fala da criança, numa troca verbal com o adulto, seu interlocutor, em cenas do contexto doméstico. A seção se organiza em torno de nove achados, selecionados de seis sujeitos, buscando localizar a particularidade de sua fala, enquanto fato de língua, sem desconhecer seus efeitos na cena enunciativa, na relação da criança com o outro.

Serão exibidos inicialmente episódios de crianças brasileiras entre 2 e 5 anos. Na mesma faixa de idade, seguem-se episódios de criança em seu percurso com o francês-língua materna (excertos recolhidos por Aimard, 1975 e Bonnet e Tamine-Gardes, 1984). Iniciamos com J, em duas ocorrências: (1) e (2), registradas entre 3 e 4 anos de idade.

(1) (J convida a avó para jogar bola)

Avó. Eu não.

J₁. Eu jogo *chutebol*.

M. Quê?

J₂. Eu jogo *chutebol*. (3;1.25) (retomada de Figueira 2022, p. 39)

Não é difícil concluir sob qual motivação se deu a alteração na palavra *futebol*: um jogo que se pratica com o chute. Interpelada pela mãe, J não parece dar-se conta de que

⁴⁰ No GT Estudos Saussurianos (ANPOLL, 2018) expus o trabalho: “A Palavra: sede de inovações que “*flottent dans la série indéfinie des rapports possibles*”, incorporando a contribuição de Normand (2001) – levada adiante no GT seguinte (ANPOLL, 2020): “A fala da criança: domínio empírico para a teorização saussuriana: do jogo previsível à imprevisibilidade do jogo”, trabalho publicado nas atas do encontro (Figueira 2020).

fala diferente do adulto. É adequado agora levantar a pergunta: o que há numa palavra que a torna sede de um revestimento semântico? A resposta pede considerar o vínculo associativo, passível de se alojar na porção inicial da palavra conhecida como *raiz*.

Observação relevante: J não frequenta escola bilíngue a ponto de sugerir uma participação do ing. **football** (empréstimo desta língua), nem está exposta, no contexto parental, a falantes do inglês. A ideia que domina na produção de J é a de “chute” (que naturalmente se associa a *pé*) e, como tal procede do tesouro da língua portuguesa, de onde emerge **chutebol**, que “mexe” na estrutura sonora complacente da palavra (conclusão a que chega o linguista).

Ao toque de uma relação de base semântica, altera-se, nesta posição, a “fisionomia” da palavra *futebol* para o nome daquele jogo neste estado de língua. Encontramos aqui a polissemia da palavra *jogo*: *jogo* é ao mesmo tempo o nome dado àquela atividade esportiva, como também é o nome do processo que põe a língua em movimento na fala desta criança.

J não se dá conta da novidade que brota em sua fala. Ao investigador, cabe explorar o *feito* de língua, bem como a *posição* do sujeito neste processo. Indiferente ao que na fala da mãe (*quê?*) funcionaria como apelo para ela rever o que dissera, J repete *chutebol*, sem reformulação sobre a palavra. A menina não atina com a variação que impõe à palavra; melhor dizendo, não tem escuta para aquilo que em sua própria fala constitui uma inovação.

Seguindo com outro episódio, o mesmo pode ser dito de (2) *varamé* (por *varal*), que procede da mesma criança. No ponto em que a oportunidade fônica o permitiu, isto é, amalgamado à raiz, a palavra *varal* cruza com *arame*, acrescentando ao nome da coisa um matiz semântico associado à representação daquilo de que se fala (o varal é feito de arame). É a partir desta associação que *arame* se intrometeu na palavra com que J responde à sua mãe, no episódio abaixo.

(2) (a mãe pergunta à criança)
M. Onde seu pai machucou?
(a menina responde sem hesitar)
J. *No varamé.* (4;10.3)

Espontânea e naturalmente empregada, a palavra entrecruzada *varamé* é registrada como uma novidade do léxico de J. Da inovação, J não se dava conta, nesta e nas demais ocorrências em que, para falar do mesmo objeto, usava *varamé*.

Passemos ao diário de Al, fonte preciosa de achados de uma menina, cuidadosamente registrados por sua mãe⁴¹, por volta dos 3 anos de idade da garota. Dispomos de duas ocorrências interessantes: na primeira delas, diante de uma dependência de hospital, chamada *berçário*, a criança (3;3 de idade), a ela se refere como:

⁴¹ Sou grata a Daniela Marini-Iwamoto pelo material que generosamente me disponibilizou.

(3) bebecálio

Fácil de explicar, a alteração procede de uma relação semântica subjacente, cujo produto é passível de ser glosado como: “lugar em que colocam os bebês”. *Bebê* e não *berço* faz pouso na raiz da palavra.

Em idade mais inicial, aos 2;5.27 de idade de Al, vamos encontrar no seu diário, como a menina se referia do *travesseiro*:

(4) cabeceilo.

Trata-se de uma inovação que evoca a função a que se presta o objeto. É comparável à ocorrência registrada por Henri Frei, em *La Grammaire de Fautes* ([1929], 2011, p. 61). Entre os franceses, o nome da capa que reveste o travesseiro (*fronha*, como chamaríamos) é *taie d'oreiller*, mas é produzida *tête d'oreiller* na fala corrente de muitos adultos.

Aproximando as duas denominações que sofrem alteração (a de Al e a dos francófonos) é possível enxergar uma nomeação descritivamente “adequada” à sua utilidade. *Tête d'oreiller* e *cabeceilo* tornam visível (transparente) a relação do nome ao que ele evoca ou representa, o lugar onde depositamos a cabeça: **cabeceilo**; **tête d'oreiller**. Usamos negrito para realçar que, no português, isso se dá numa única estrutura vocabular, pela boca de Al.; no francês, num sintagma composto por *tête* (port. *cabeça*). Para o autor de *La Grammaire de Fautes* (1929), a designação responde à necessidade de “ramener l'inconnu au connu” (id. ib.). Em sua época, Henri Frei, como afirma Béguelin, é “uma voz discordante no contexto de descrédito” pelas etimologias do povo. Basta ler a passagem abaixo:

(...) de termes comme “étymologie populaire”, contamination, contagion, etc, font trop souvent croire qu'il s'agit de formes essentiellement pathologiques. Cela suppose un malentendu constant, car l'incorrect (point de vue normatif) est loin d'être nécessairement un déficit (point de vue fonctionnel) (Frei [1929], 2011, p. 50; grifo meu).

Voltemos a nosso dado (4). No registro diário ele é seguido de um comentário espontâneo, que não escapou à mãe de Al, adequado para mostrar como se comportam os familiares ao se depararem com os acontecimentos linguisticamente relevantes de suas crianças.

“CRIATIVIDADE. Alice tem outro nome para "travesseiro": ela descansa a cabeça de noite no "cabeceilo"! Quer uma palavra com mais sentido que esta? Rsrtrs”

Recebido como: *Quer uma palavra com mais sentido que esta? Rsrtrs*”, *cabeceilo* detém o sabor de um achado, que passará a integrar a pauta do pesquisador, na forma de

uma reflexão acerca relações que subjazem ao léxico inicial do pequeno falante⁴². Despertando risos, esta (e outras ocorrências) lembram autores sensíveis à fala singular da criança. Mia Couto é um dos que enxergam “a infância autorizada pelo brilho da palavra” (Couto 2002, p. 21). Conforme mostramos, no conto “Um Visitante Clandestino”, o autor introduz na fala de seu personagem (um garoto em visita a aeroporto) inovações: *migraceiro*, *passaporteiro*, deixando-nos com o pensamento: “a criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimônio entre as coisas e os nomes” (Couto 2002, p. 21)⁴³.

Vamos seguir com um diálogo que procede de uma sessão gravada, aqui incluída por comportar um cruzamento de palavras. Trata-se de R, uma das crianças que integra o acervo do CEDAE, projeto Aquisição da Linguagem Oral. Em cena estão a mãe e a filha R, de 4;10 de idade, acompanhadas da prima de R. Diante de um livro de estórias, a conversa gira em torno de animais. Eis como Vieira registrou o excerto:

(5) (R com a mãe e uma prima, lendo histórias; o diálogo se desenrola, apontando um animal)
M: como é que ele chama?
R: não sei, esqueci.
M₁: rino...
R₂: sauro.
M: rinoceronte.
R: rinoceronte.
M: rinossauro?
(fonte: CEDAE; dado recolhido por Camila Vieira, a quem agradeço; apresentado pela primeira vez em Figueira, 2022, p. 35-36)

Como a criança não se lembra do nome do animal, a mãe oferece o começo da palavra: *rino*... R completa com: *sauro*, o que nos dá *rinossauro*, uma forma híbrida que se cruzou com parte de outra palavra: *dinossauro*!

Podemos dizer que esta surge via associação semântica e formal. É semântica, porque aproxima nome de dois animais; formal, porque entre *rino(ceronte)* e *dino(ssauro)* existe uma coincidência sonora: a assonância *-ino* (em **rino** e **dino**), que tal qual um gatilho, evoca outro nome (nome de outro animal): *dinossauro*. Neste ponto da cadeia sonora, comparece o que estamos chamando *fator homofônico*, que, de forma latente, ao convocar *dinossauro*, dá por resultado uma palavra tecida em trama mista, amalgamada: *rinossauro*. A mãe de R, então, toma seu turno, dizendo: *rinoceronte*

Discursivamente, o episódio expõe uma vicissitude do jogo de nomear animais. Surpreendemos, como acabamos de ver, nos lances M₁ e R₂, um enredamento na forma

⁴² A mãe de Al é a linguista Daniela Marini-Iwamoto, que me presenteou com o fato e com o comentário sobre o efeito, incluído no diário – precioso – de sua filha.

⁴³ Encantado na visita ao aeroporto, o menino desembrulhava novidades no seu vocabulário. Mia Couto, ele próprio, se permite, como narrador, espalhar algumas palavras entrecruzadas na escrita: *admoestar* assume a forma *admolestar*, cruzamento que deixa patente o efeito causado em quem recebe uma advertência: um garoto *molestado* pelas correções da mãe à sua fala (Figueira 2011).

de uma palavra, tecida numa situação de interação conjunta, entre adulto e criança. Na superfície da fala, *rinossauro* é uma composição, para a qual M contribuiu com *rino* e R completou com: *-sauro*.⁴⁴

Quem observa os processos de formação das palavras está acostumado a ver divertimentos lexicais fundados num cruzamento vocabular. Eles se estendem dos nomes comuns aos nomes próprios e muitos frequentam as páginas dos escritores num à-vontade de produzir efeitos novos, alguns chistosos⁴⁵. Outros, em suas narrativas despertam efeitos poéticos: Mia Couto, Guimarães Rosa, para citar dois autores que oferecem aos leitores a fruição (estética) daquilo que cabe numa palavra.

Nosso foco, nesta altura, contemplará material da trajetória de crianças francesas em relação com sua língua materna. Fomos buscar exemplos em Aimard (1975), começando com Pierre-Yves, aos 2;8 de idade. Para se referir a *mobylette*, proferiu uma palavra que acomodou parte de outra (*moto*); num entrecruzamento de duas palavras:

(6) *Motobylette* (moto + mobylette) (Aimard 1975, p. 167)

Prosseguimos com o foco sobre relações. Agora, apresentando (7), um episódio extraído de Bonnet e Tamine-Gardes (1984, p. 120). Foi escolhido porque permite ilustrar como uma palavra pode, numa interlocução, tomar caminho inesperado, a partir de uma associação favorecida pela cadeia sonora, que subitamente muda o rumo da conversa. De acordo com o registro, na cena falava-se de ameixas (fr. *pruneaux*). Naquele contexto a menina, Valérie, 3;7 de idade, proferiu o seguinte enunciado:

(7) V. Je veux un Bruno!

O mínimo que se pode dizer é que *pruneaux* sonoramente evoca *Bruno*, relação marcadamente pelo som, despertada pela semelhança fônica entre *pruneaux* et *Bruno*. A substituição de “ameixas” por um nome próprio, numa requisição como *Je veux un Bruno!* é curiosamente um pedido, mas por certo, de algo não comestível. Isto dirige a atenção do leitor para supor um toque de humor⁴⁶, que emana da fala da menina naquele cenário – feito, ou efeito, que faz parte também do jogo da linguagem, tomado no âmbito que inclui as relações entre os interlocutores.

Outro registro, (8) abaixo, é uma interessante designação de Emmanuel, aos 5 anos

⁴⁴ No CLG consta a palavra *hibridismos*. Para o fenômeno que, na teoria lexical, se denomina cruzamento ou fusão vocabular, uma boa análise que considera seu efeito marcadamente expressivo, encontra-se em Basílio (2010). Para o lugar de Saussure no estudo das estruturas lexicais, ver da mesma autora (Basílio 2021).

⁴⁵ Aimard (1975, p. 166-167), menciona de Freud (“Le mots d’esprit et ses rapports avec l’inconscient”), o clássico exemplo do *famillionnaire*, apontando o que retém de *millionnaire*.

⁴⁶ Outras intervenções no diálogo criança-adulto em que há alinhamentos sonoros resultam em gargalhadas. Em registro de Bonnet e Tamine-Gardes (1984, p. 120), Delphine, 3;4 de idade, responde a seu pai, rindo às gargalhadas.

(alors que son père lui souhaite *bon dodo*, respote)

Bon *dudu*. Bon *tutu*; et rit aux éclats (dans le langage familial, un *dudu* = yoghourt, le *tutu* = son sexe).

de idade, recolhida do livro de Aimard (1975, p. 157):

(8) E. dessin allumé (por dessin animé)

A denominação para desenho animado, em francês: *dessin animé*, foi longamente usada por Emmanuel como: *dessin allumé*. Conforme descreve a autora, neste uso reside uma relação *paronímica*. Por definição parônimos são palavras de pronúncia muito parecidas, mas de sentidos diferentes⁴⁷. No caso acima, a distância semântica não é tão grande. Relata Aimard que persistiu por longo tempo, na fala deste menino *dessin allumé* – emprego que foi igualmente observado, como acrescenta, na fala de crianças mais velhas. Neste ponto, damos a palavra à autora: “L’idée qui domine chez l’enfant est celle d’un spectacle lumineux ou du contraste entre l’écran lumineux et la salle qui est noire; alors que *animé* ne correspond à rien de précis dans cette situation” (Aimard, 1975, p. 157)⁴⁸. Nesta renomeação, aflora uma relação em que (*dessin*) *allumé* abriga um sentido, digamos mais relevante, para os pequenos.

Entre os inúmeros achados expostos em *Les Jeux de Mots de l’Enfant*, nenhum supera em ineditismo aquele que foi registrado aos 3 anos de idade de Emmanuel. Esta ocorrência vem enriquecer a discussão sobre o amplo espectro que o emprego de uma palavra assume num diálogo, levando a falar de um *jogo na/da lingua(gem)*, jogo que conduz a efeito desconcertante. Foi deixada para o final, já que a questão da homofonia está desafiadoramente implicada nela.

(9) (Emmanuel, 3 anos)

Sa mère: Le temps est *pluvieux* aujourd’hui. 1)

E. Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera *plus jeune*? 2)

(Aimard 1975, p. 150)

Primeira observação: a resposta do garoto à mãe (M, daqui em diante) é perturbadora, inesperada. Nela, misturam-se de maneira extravagante, ideias e atributos associados a “tempo”. A mãe (= M) falava de uma condição climática, enunciando um estado do tempo: *chuvoso* (fr. *pluvieux*). Na fala do menino, tempo aparece como entidade que comporta uma apreciação, que pende entre: fr. *vieux* e *jeune* (port. *velho* e *jovem*).

De onde parte tal raciocínio? Desconcertada pela resposta, M pode atinar que o menino foi levado a pensar outra coisa a partir de: *Le temps est pluvieux aujourd’hui*. Buscando os termos descritivos necessários para recobrir o movimento de 1) a 2), diríamos que para Emmanuel, ao ouvir *pluvieux* (port. *chuvoso*), derivado de *pluie* (port. *chuva*), este

⁴⁷ Ver no Dicionário das Ciências da Linguagem (Ducrot-Todorov, 1972, p. 307), menção a paronímia e homonímia. Segundo os autores, na primeira a semelhança entre os significantes é parcial; na homonímia é perfeita.

⁴⁸ “A ideia que domina na criança é a do espetáculo de luzes ou do contraste entre a tela de luz e o quarto preto; enquanto *animado* não corresponde a nada específico nesta situação” (trad. minha).

foi objeto de outra interpretação: *plus* (palavra de gradação) seguido de *vieux*, qualidade atribuída a tempo, que resulta em um conteúdo semântico, que o faz formular uma indagação inesperada à sua mãe.

Chegando ao linguista, este material desperta a atenção por desvelar o que cabe numa palavra morfológicamente complexa. Graças a uma escuta diversa de *pluvieux*, esta culmina com a pergunta: *Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera **plus jeune**?*, na qual reconhecemos uma associação insólita, que leva a dizer: a fala de Emmanuel encerra um movimento que desata e recompõe em outras peças o *continuum* sonoro. Exibe um *feito de língua*, que levanta o véu de um fato: a equivocidade da linguagem, a partir de uma interpretação singular na escuta da palavra *pluvieux*, para a qual coube, na indagação do garoto, encontrar o antônimo de *vieux* (*jeune*). O fato, descrito como segmentação divergente, encerra uma pauta semântica, em que subjaz (por detrás) um desdobramento sobre o atributo imputado a tempo: *temps non vieux = temps jeune*.

Num texto recente priorizei este achado, assinalando que, se tivesse saído da boca de um adulto poderia ser belo jogo de palavras⁴⁹, fazendo juz ao efeito surpreendente sobre o potencial semântico da palavra *pluvieux*. Momentaneamente decomposta em dois novos signos, dentro do (re)ciframento em que o menino se move, este dirigiu a M a pergunta que o inquietava. Se não era imediatamente visível ou esperada pela interlocutora, fora imaginada ou percebida pelo menino. Parece ser, então, o caso de dar plena acolhida ao que nos chega do legado saussuriano, enquanto traçado aberto a relações. Se existe no CLG uma passagem a nos revelar brilhantemente esta condição, esta pode ser encontrada, no capítulo “As entidades concretas da língua”, onde se lê a lúcida formulação de Saussure: “é difícilimo *desenredar*, numa cadeia fônica, o jogo das unidades nela contidas e dizer sobre quais elementos concretos, a língua opera” (CLG, 1971, p. 123; grifo meu). Essencial para certas instâncias da língua(gem) na infância, mostra-se adequada sempre que nos deparamos com a não-univocidade das sequências manifestas⁵⁰.

Considerações finais

As palavras exercem sobre os autores, linguistas ou não, um interesse tal que não é fácil dar conta de quantos se pronunciaram sobre sua natureza. Neste artigo, a estrutura da palavra desperta a atenção pelo que oferece de novidade, seja na sua produção (como na maioria de nossos exemplos) ou na recepção pelo ouvinte, de um ato de fala. Se há um ponto em comum, já o deixamos indicado: associações.

⁴⁹ Ou a resposta a uma adivinha. Com efeito, é possível construir desafios num jogo verbal, que tira proveito de segmentação divergente. Para um estudo sobre adivinhas, ver Marini-Iwamoto (1999).

⁵⁰ O episódio de Emmanuel integrou uma apresentação no 18th IPrA, em julho de 2023, ilustrando a ideia de que a língua é um espaço equivocizante, «contingemment logée dans le *continuum sonore*, source de *vicissitudes* du symbolique, *hic et nunc*».

Na década de 1940, Serafim da Silva Neto (1946), cita Albert Dauzat (*Histoire de la Langue Française*, 1934), lembrando a insatisfação quanto à nomeação etimologia popular, e indica uma designação alternativa: *atração homonímica*. Quem nos esclarece a este respeito é Almeida Torres (s/d):

“La dénomination d'étymologie populaire... est très mauvaise, car elle donne à entendre que le sujet agit avec réflexion ce qui est faux”. (Dauzat : *Histoire de la langue française*, p. 234. Paris, 1934).” À etimologia popular prefere-se, hoje em dia, chamar atração homonímica, uma vez que a designação antiga podia dar a entender a existência de uma consciência popular em inventar étimos — o que é absurdo. (Serafim Neto: *Fontes do lat. vulg.*, p. 184. Rio, 1946; grifos nossos)

Ullmann (1964), para quem também não é correto reduzir a EP ao emprego errôneo das palavras, reserva no livro *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*, um espaço de abordagem em torno da oposição: opacidade *vs* transparência⁵¹.

Concentramos nossa atenção em evidência empírica a nosso alcance, reunindo material para sustentar uma discussão sobre a natureza do funcionamento simbólico afeito à palavra, feitos que, na fala da criança, incide sobre parte da estrutura vocabular. Podendo ser descrito como um movimento em que entra em jogo um fator de base homofônica, sua forma dá a ver uma camada de sentido que passa pela via de associações. Neste artigo, tomamos os escritos de Béguelin como referência bibliográfica principal, uma vez que nela está formulada a noção de *remotivation sémantique*. Para quem se ocupa da fala da criança, há palavras que nos desafiam a considerar quão aproximáveis podem ser ao fenômeno das EPs, repertoriados na fala do adulto.

Para a linguística, trata-se de um tópico relevante de investigação, levando a rever a ideia que perdura na designação já antiga *etimologia popular*. Se é fato que o falante não busca a origem histórica na palavra que profere alterada, partindo de Saussure é possível pensar numa renomeação, como efeito de uma relação associativa a determinar uma alteração visível no *continuum* sonoro.

Com apoio numa base empírica compreendida pela trajetória de crianças aprendendo a língua materna (português e francês), procuramos, com os fundamentos que procedem da matriz teórica saussuriana, olhar em direção a feitos que, colocados em terreno próprio, a Aquisição de Linguagem, mostraram-se úteis para a pesquisa em torno de vicissitudes da fala, universo variado regido por relações.

Ao lado de exemplos clássicos de EP no universo de fala adulta, ao trazer exemplos do léxico infantil, coube-nos neste artigo, explorar, o movimento que, ao toque de relações faz surgir uma palavra, digamos *re-tocada* (em vez de *estropiada* ou *maltratada*), pelo sopro

⁵¹ Ullmann destina um capítulo de seu livro a: “Palavras transparentes e opacas”. Certamente a contribuição deste autor acerca do movimento de opaco a transparente é algo a ser considerado na fala da criança, num prolongamento de nossa pesquisa. (ver nota 13).

de um elo associativo que se faz presente na materialidade sonora, fenômeno distinto da mera variação fonética. Há casos em que a novidade, efêmera, habita a fala singular de uma só criança (veja-se (1), por exemplo; outras ocorrências (conforme relatado por Aimard), são encontrados fala de mais de um sujeito.

Com apoio na teorização de De Lemos (2002), buscamos reconhecer *posições* do sujeito falante numa estrutura (Figueira 2023b), atentando para o feito linguístico⁵² e seu efeito no discurso. De seu lado, a criança pode experimentar *posições* diferentes: fica alheia à novidade que emergiu em sua fala, como J em (1) ou (2); contesta o interlocutor, como na réplica de D: (i) *Non, c'est des primes jaunes*, em que o item *primevère* se desdobra a uma função, a proveito de objetivar a realidade, dividindo-se em dois: *prime* e *vert* (= port. *verde*), *vert* pronto a ser trocado por *jaune*.

Segura de seu dizer está esta menina ao declarar: *Non, c'est des primes jaunes*. E quanto a outros sujeitos, como J, em: *Eu jogo chutebol?* Neste enunciado, não havendo marca de reformulação, é possível supor que a menina não tem escuta para a diferença entre sua nomeação e a de sua interlocutora. Mas o que (1) traz para o pesquisador é a evidência de um movimento, cujo funcionamento repousa em *relações* que se enredam na estrutura da palavra, pela via de associações. Para este recorte empírico, é oportuno recordar uma afirmação magistral de Saussure: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (CLG [1916] 1971, p. 146). Nos casos examinados, relações disparam por homofonia, o produto nem sempre sendo passível de reconhecimento por quem fala.

Na seção 3, a iniciativa de considerar um a um cada excerto, individualmente, faz frente, é preciso dizer, a uma necessidade essencial numa proposta que encara o feito na sua singularidade. Isto é: contemplar em contextos *hic et nunc*, o lance que, no *dictum*, dá lugar a uma resignificação da materialidade fônica, condizente com a qualidade ilocucionária que *le dire* encerra enquanto ato de fala. Vimos na fala de D, uma réplica; na fala de V, um pedido, na de E, uma pergunta.

Este artigo usa a designação etimologia popular, modalizando-a “em torno da chamada etimologia popular”, abrigando acontecimentos lexicais, cujos produtos são palavras *reformadas*. Nesta renomeação fomos guiadas pela imagem saussuriana do balão que insufla de sentido um segmento da pauta sonora, em ato de fala. Os produtos mobilizam do *tesouro da língua*, via homofonia, uma relação de sentido que se acomoda ao corpo complacente da palavra. Uma palavra habitada por outra palavra.

⁵² A *língua*, cuja ordem é apenas *relativamente estável*, está sujeita ao jogo do fazer e refazer de *valores* atribuídos à matéria fônica, na *fala*. Não é por outra razão que designar a condição da criança como vir-a-ser-falante (como o faz De Lemos), contempla um processo, marcado pela heterogeneidade, recheado de acontecimentos que dão confirmação cabal para a condição de movimento da língua, permitindo recordar o que se lê em Saussure: “Em nenhum momento um idioma possui um sistema perfeitamente fixo de elementos” (CLG, 1971, p. 199). Para Parret, (*sa*) *mouvance*.

Finalmente, cabe dizer, já com vistas a uma conclusão, que ao penetrar na especificidade deste fenômeno, não almejamos esgotar o assunto nem a bibliografia existente, mas enxergamos espaços afins de investigação e para eles destinamos, a título de desdobramento da pesquisa, um olhar atento ao lugar ocupado pelo cruzamento vocabular (ou *mot-valise*). Escritores que se deixam tocar pela porosidade da palavra (Guimarães Rosa, Mia Couto, para citar apenas dois deles), nos brindam com recriações que alcançam a poesia.

Outros autores se contentam com o riso quando, a título de diversão, montam não um “Dictionnaire de Mot-valise”, mas um “Fictionnaire de Mot-valise », caso de Alain Finkielkraut, em *Petit Fictionnaire Illustré. Les Mots qui manquent au dico* (1981)⁵³. Enquanto espaço de existência de palavras novas, recusamos para o cruzamento vocabular, o estatuto de procedimento marginal: a arte literária faz bom proveito deles, largamente presente também na fala ou na escrita ordinária de adultos. São abundantes no chiste, em que palavras são a sede e o meio produzir efeitos inusitados. Desafiantes, comparecem numa classe de adivinhas, o jogo verbal.⁵⁴ Enquanto manifestação do funcionamento simbólico, nosso interesse sobre a estrutura da palavra caminha na direção deste rico e desafiante universo, por explorar em futuro trabalho.

Around the so-called folk etymology: focusing on the vicissitudes of speech

Abstract

This paper seeks to revisit the so-called “folk etymology” by focusing on particularities of speech in childhood, similar to what in adult linguistic usage. Addressing this phenomenon through Béguelin's publications (1993, 1995, 2002) opens up a perspective for analyzing the phenomenon based on Saussurean reflection, bringing to light what could be called the vicissitudes of speech – a designation found in De Lemos (2002), attributed to findings on the child's relationship with language in interaction with each other. Taking such a designation to the lexical events of the child's speech allows us to account for occurrences due to associative relations, phenomenon distinct from analogical innovations. The research explores material collected between the ages of 2 and 5, along with the trajectory of children with Portuguese as their mother tongue. In the same age range, it incorporates findings from the process of acquisition of French as their mother tongue: extracts from Aimard (1975) and Bonnet e Tamine-Gardes (1984). By covering the phenomenon in adult speech, and its similarities in childhood, this material will be analyzed based on what we call the “homophonic factor”. By acting on the sound continuum, this factor promotes a semantic remotivation (Béguelin 2002) in the body of a word, via phonic similarity with another word, which is associated with it. A vicissitude of speech, which allows us to unveil a facet of symbolic functioning, which is important to characterize in its diversity and complexity, considering the ideas left by Saussure. It is our purpose to extend the research to puns, mots d'esprit and riddles, an empirical scenario that offers itself for investigation within the same theoretical framework (as already announced, Figueira 2020, 2022, 2023a).

Keywords: Mise-en-rapport. Vicissitudes of the word. Child language. Semantic (re)motivating. Homophonic factor

Referências

⁵³ No horizonte da pesquisa figura explorar esta pequena publicação, já descoberta por Mortureux (1997).

⁵⁴ Em 2.2 chamamos de “enigma” o que se observou em (iii) *deu disse no Natal*. Em (10) é enigmática a pergunta de E ao ouvirmos: *Le temps est pluvieux aujourd'hui*. Nesta, relações insólitas emergem, ao ponto de ser possível figurar num jogo verbal, construído a maneira uma pegadinha entre um desafiado e um desafiante – um tema atraente de pesquisa.

AIMARD, P. **Les jeux mots de l'enfant**. Paris: Éditions SIMEP, 1975.

ALMEIDA TORRES, A. **Etimologia Popular**. Disponível em. <http://revistas.ufpr.br/article/downloads/19909/1341134>. s/d.

BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade das construções lexicais. In: BRITO, A. M., SILVA, M. de F. H.; VELOSO, J.; FIÉIS, A. (orgs). **Textos Selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, APL, 2010. p. 201-210.

BASÍLIO, M. M. Saussure e as estruturas lexicais. **Diadorim**, vol. 23, n. 2, 2021. p. 159-166.

BÉGUELIN, M-J. Motivation et remotivation des signes linguistiques. In : CHRISTOL, A. ; LAMBERTERIE, C. de; PERPILLOU, J.-L. (éds.). **Étymologie diachronique et étymologie synchronique en Grèce Ancienne**, Paris: Klincksieck, 1993. p. 9-30.

BÉGUELIN, M-J. Saussure et l'étymologie populaire, **Revue des linguistes de l'université Paris X**, Nanterre, 7, p. 121-138, 1995.

BÉGUELIN, M-J. Étymologie «populaire», jeux de langage et construction du savoir lexical. **SEMEN**, 15. Disponível em <https://doi.org/10.4000/semen.2414>.

BONNET, C.; GARDES, J. **Quand l'enfant parle du langage**. Brusella: Pierre Mardaga, 1984.

CHAVES DE MELO, G. Etimologia Popular, 1946. **Confluência**, vol. 22, 2001, Rio de Janeiro. p. 227-232.

COUTO, M. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 2002. 7.a ed.

DAUZAT, A. **Histoire de la Langue Française**. Paris: Payot, 1934/1930.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio, **Substratum**. 1992. p.121-136.

DE LEMOS, C. T. G. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**, vol. 30, n. 4, 1995. p 9-28.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, IEL-UNICAMP, 42, 2002. p.41-69.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

FIGUEIRA, R. A. A palavra divergente: Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, 26, Campinas: Unicamp/IEL, 1995. p. 49-80. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639249>

FIGUEIRA, R. A. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem, **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, 7. Campinas: Pontes, 2001. p. 27-61. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661679>

FIGUEIRA, R. A. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure, **Cadernos de Estudos Linguísticos** 52,1, 2010. p. 115-143. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637206>

FIGUEIRA, R. A. A fala da criança em dois recortes: a pesquisa e a ficção. **Actas del**

XVI Congresso de la ALFAL, Alcalá de Henares, Cesteiro e Molina (compiladores), 2011. CD-Rom.

FIGUEIRA, R. A. Em torno da analogia: a contribuição de Saussure para a análise da fala da criança. **Prolíngua** 10, 2015. p.174-185.
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27596>

FIGUEIRA, R. A. *Toucher du doigt le jeu du mécanisme linguistique*: investigando a língua em movimento na fala da criança. **DELTA** 34, 3, 2018a. p.143-176.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39656>

FIGUEIRA, R. A. La langue en mouvement: ce que la théorisation sur les occurrences divergentes doit à Saussure. In Gambarara, D. e Reboul, F. (orgs.) **Le CLG 1916-2016. Le Devenir**, 2018b. Acesso online <https://www.clg2016.org/documents/CLG2016-Figueira.pdf>

FIGUEIRA, R. A. A fala da criança: domínio empírico para a teorização saussuriana. Do jogo previsível à imprevisibilidade do jogo. **Atas do GT Estudos Saussurianos, XXXV ENANPOLL**, 2020. <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anaais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0863-1.pdf>

FIGUEIRA, R. A. A reflexão saussuriana na investigação da fala da criança: algumas questões e perspectivas. In Shiro, M.; Bolívar, A. e Marinkovich, J. (eds.) **Procesos de Aprendizaje de la Lengua Oral y Escrita: Teoría y Práctica**. Coleção ALFAL, 3, São Paulo: Líquido Editorial, 2022a. p. 27-51.
https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/P13_Estudio_Lengua_Escrita.pdf

FIGUEIRA, R. A. Os Matizes da agentividade nos nichos domésticos: focalizando a linguagem da criança entre 2;3 a 5 anos de idade. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 14 (2). 2022b. p. 225-252.
https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14_2_cuaderno_012.pdf

FIGUEIRA, R. A. Extratos diários da infância: um domínio empírico para a teorização saussuriana. In Pereira de Castro e alii, **Estudos Saussurianos Hoje**, Ariacne, 2023a.. p. 175-203.

FIGUEIRA, R. A. Fatos e (e)feitos da fala divergente: questões para a Aquisição de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: IEL-UNICAMP. vol. 65, 2023b. p.1-17. 2023b.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673645>

FIGUEIRA, R. A. (inédito) “A Palavra: sede de inovações que *“flottent dans la série indéfinie des rapports possibles”*”. Comunicação apresentada (maio de 2018) no **GT “Estudos Saussurianos”**, XXXIV ENANPOLL.

FINKIELKRAUT, A. **Petit Dictionnaire Illustré**. Les Mots qui manquent au dico. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

FREI, H. **La Grammaire de Fautes**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011 [1929].

FREUD, S. **Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 8. Rio de Janeiro: Imago. 1996 [1905].

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Tradução: Bruno Turra. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2023.

MARINI-IWAMOTO, D. **Um Estudo das adivinhas**. O Jogo verbal. Dissertação de mestrado (inédita). IEL-UNICAMP, 1999.

MILANO, L. A duplessência da linguagem : afinal, de que duplo se trata ? *In*: SILVEIRA, E.; HENRIQUES, S. M. (orgs). **Saussure** : Manuscritos, Aulas e Publicações. Uberlândia : EDUFU. 2022. p. 61-76.

MORTUREUX, F. **La Lexicologie entre langue et discours**. Paris : Éditions SEDES, 1997.

NORMAND, C. Des quelques effets de la théorie saussurienne sur la description sémantique. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 54. Genève: Droz, 2001. p. 163-176.

PAUL, H. **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1920].

PARRET, H. Notas do seminário ministrado na Universidade de Campinas (2007).

SILVA NETO, S. **Fontes do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 3.a ed, 1956.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971 [1916].

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução M. Bagno. São Paulo: Parábola. 2021 [1916].

SAUSSURE, F. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale. Edição crítica por R. Engler**. Tomo 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz. 1989.

TESTENOIRE, P-Y. Jeu de mots, jeu phonique et anagramme dans la réflexion linguistique de Saussure. *In* : FULL, B. ; LECOLLE, M. (eds). **Jeux de mots et créativité**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018. p. 69-97.

ULLMANN, S. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA, C. R. **Caminhos e limites da inovação lexical na fala da criança**. Dissertação de mestrado. 2015, 153 p. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1626067>. Acesso em: 9 out. 2024.

VIEIRA, C. R. **A(s) Unidade(s) da palavra em inovações lexicais**: singularidade no processo de aquisição da linguagem. Tese de doutorado. 2022. 200 p. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/6111>. Acesso em: 9 out. 2024.